

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

FELIPE ATTÍLIO DE OLIVEIRA

**Oniropolítica: o que sonham alemães e brasileiros em tempos de incerteza**

São Paulo, 2022

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

FELIPE ATTÍLIO DE OLIVEIRA

**Oniropolítica: o que sonham alemães e brasileiros em tempos de incerteza**

Monografia de conclusão de curso de pós-graduação lato sensu, requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Semiótica Psicanalítica: Clínica da Cultura, promovido pela Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão – COGEAE da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Trabalho sob orientação do Prof. Dr. Juan Droguett.

São Paulo, 2022

## SUMÁRIO

**Introdução: um relato pessoal e uma motivação coletiva, 5**

**Capítulo 1: Uma breve história dos sonhos, 7**

1.1. Sonhos na cultura, 10

1.2. Sonhos na psicanálise, 14

1.3. Sonhos na semiótica, 15

**Capítulo 2: As incertezas contextuais, o retorno do recalcado e a elaboração onírica, 17**

2.1. Contexto histórico brasileiro, 20

2.2. Contexto histórico alemão, 24

**Capítulo 3: Resultados da pesquisa, 26**

3.1. Sonhos no Terceiro Reich, 26

3.2. Sonhos confinados, 30

**Considerações finais, 32**

**Referência bibliográfica, 34**

## **Introdução: um relato pessoal e uma motivação coletiva**

Não lembro, de fato, quando comecei a me preocupar com a pandemia do coronavírus. Notícias de surtos de gripe na Ásia não são necessariamente novidade e, em geral, não eram motivo de apreensão por aqui.

A situação adquiriu contornos mais sérios apenas quando São Paulo decretou quarentena em todo o estado, em 21 de março de 2020, com duração prometida de duas semanas. Àquela altura não se tinha ideia que essas duas semanas durariam um ano e meio. As restrições foram totalmente removidas somente em 17 de agosto de 2021, quando 91% dos paulistas estavam vacinados com a primeira dose do imunizante, mesmo à revelia do presidente da República, que fez de tudo para sabotar a campanha de vacinação no país.

Nesse meio tempo, enquanto o país caminhava para o abismo graças à postura delinquente do Governo Federal no trato da pandemia, passei a ter muitos pesadelos. Os sonhos sempre representam um tema caro pra mim e fazem parte da minha análise há alguns bons anos. Mas, dessa vez, tive certa dificuldade em verbalizá-los – os sonhos eram confusos, perturbados, mas alguns elementos se repetiam: guerras, desastres naturais (tsunamis, terremotos), mortes de familiares e amigos. Acordar cansado e com o corpo dolorido depois de uma noite de pesadelos certamente não deixava o dia seguinte mais fácil.

Isolado no meu apartamento em São Paulo, passei a escrever e comentar sobre os sonhos com amigos próximos que, para minha surpresa, diziam estar experimentando algo parecido – se não tendo pesadelos com guerras e mortes, ao menos sonhando mais. Essa "coincidência" chamou a atenção e passei a ficar mais atento a esses sinais do tempo. Nos meses seguintes, um grande volume de reportagens, *podcasts*, entrevistas, artigos e publicações em redes sociais sobre sonhos passaram a pipocar nas múltiplas telas que se transformaram em janelas para o mundo exterior. O assunto havia entrado na pauta.

Se para Freud os sonhos são a via régia para o inconsciente, posso afirmar com certa segurança que as estradas para meus sintomas estão trilhadas pela representação onírica. Tomo a liberdade de trazer um breve relato pessoal como ponto de partida para fundamentar a questão da pesquisa e a intenção deste trabalho.

Na cena onírica da noite de 14 de agosto de 2021 (data fácil de recordar por ser aniversário do meu pai), estou na secretaria da PUC preenchendo papéis necessários para o ingresso no programa de mestrado da universidade (desejo antigo, que ora e outra retorna nos sonhos). A funcionária então me devolve um documento e sentencia que, como não terminei o ensino médio, não posso ingressar no mestrado: "você precisa voltar a resolver essa pendência", apontando para uma folha à minha frente. A cena se passa a uma certa distância – eu me observava, de costas, a partir do olhar de um outro.

A desconfortável naturalidade da frase imperativa naturalmente causa surpresa. Como assim não terminei o ensino médio? Que questão resta na pacata Santa Bárbara d'Oeste, no interior de São Paulo, que deve ser *resolvida* para que eu esteja *autorizado* a ingressar no mestrado? A rigor, a pendência curricular não permitiria sequer um curso de graduação, mas mesmo essa aparente incoerência não acontece à toa – meu inconsciente alerta para o fato de que o início da minha formação acadêmica, cursada na cidade natal, se localizar como uma continuação do Ensino Médio e não como uma emancipação e um passo para a vida adulta.

Ao levar, como tantas outras vezes, esse sonho para o escrutínio da análise lacaniana, eu me perguntava se esse sonho era tão incomum assim. Por coincidência – ou por determinação dos algoritmos das redes sociais –, me deparei com uma publicação no *Twitter* que questionava "você também sonha que voltaram pra escola porque esqueceram de terminar?"<sup>1</sup>. A mensagem recebeu quase mil *likes*, dezenas de compartilhamentos e uma centena de comentários de outros usuários que relatavam sonhos parecidos: "Sim, começou há uns três anos (me formei há mais de dez). Às vezes eu sonho tanto num período curto de tempo, que até me pergunto se eu não tenho que ir pra lá de verdade"<sup>2</sup>. "Já sonhei que precisava voltar pro ensino médio porque meu diploma não valia mais"<sup>3</sup>, "Com muita frequência inclusive. Começou na pandemia"<sup>4</sup>.

Essa breve amostra ilustrativa – e um tanto quanto anedótica – mostra como os sonhos seguem fazendo parte da nossa vida cotidiana mesmo que, muitas vezes, envolto em um certo misticismo. A isso se deve uma contribuição significativa da psicologia junguiana, que imprimia aos sonhos características menos sexuais (como propunha Freud) e mais simbólicas,

---

<sup>1</sup> <https://twitter.com/condoiselles/status/1449197023366897665>

<sup>2</sup> <https://twitter.com/Mynitona/status/1449811722336980995?s=20>

<sup>3</sup> <https://twitter.com/MarcusDuarte/status/1449474925815795712?s=20>

<sup>4</sup> [https://twitter.com/lorem\\_ips1/status/144955592608161792?s=20](https://twitter.com/lorem_ips1/status/144955592608161792?s=20)

com significados que diziam respeito tanto ao passado, quanto ao futuro. Não vamos nos ater às diferenças fundamentais entre as diferentes vertentes da psicologia acerca dos sonhos, mas sim no impacto (muitas vezes radicais) que tais experiências ainda podem ter para o ser humano na vigília.

Para tanto, recuperamos duas obras fundamentais que registram e analisam, cada um a seu tempo e suas condições, relatos de oníricos em tempos de incerteza. Tanto "Sonhos confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia" (2020), como "Sonhos no terceiro Reich: com o que sonhavam os alemães depois da ascensão de Hitler" (2017) ambicionavam o mesmo propósito: registrar as experiências oníricas dos cidadãos dos seus respectivos países frente a uma ameaça concreta – na Alemanha, o nazismo; no Brasil, o vírus. Embora as duas obras tenham quase oitenta anos de distância entre elas, o conteúdo dos sonhos apresenta semelhanças relevantes. Questões como vigilância, autoritarismo, repetições, medos, angústias e figuras políticas aparecem com clareza em ambas as investigações. Este projeto, portanto, busca estabelecer paralelos e identificar padrões, semelhanças e diferenças entre os conteúdos dos sonhos registrados nesses dois momentos históricos através de uma leitura mais atenta às lideranças políticas de ambos os países.

## **Capítulo 1: Uma breve história dos sonhos**

A palavra *sonho* é explicada pelos dicionários como substantivo masculino derivado do latim *somnium*, que indica reunião de imagens, ideias, pensamentos que aparecem no pensamento, na mente, durante o sono. Essa definição simplificada certamente não dá conta da importância da transversalidade do assunto na religião, ciência e cultura da antiguidade à contemporaneidade.

É fato que o sonho, enquanto acontecimento intrínseco à nossa própria existência, ganhou certo relevo desde o início da pandemia, mas tal importância no atual momento histórico não é necessariamente inédita: as experiências oníricas despertam curiosidade e fascínio na humanidade desde a antiguidade. Em lugares como Grécia antiga, Egito e Mesopotâmia – que remontam ao próprio início da civilização –, os sonhos se situavam em uma posição central em questões relacionadas à medicina, à política e à vida pública dos

cidadãos, assumindo muitas vezes a função de oráculo capaz de desvendar o futuro, determinar presságios, ler a sorte e adivinhar o desígnio dos deuses (RIBEIRO, 2019: p. 21).

Nos antigos impérios do oriente, os faraós eram tidos como representante direto das divindades (no caso da Mesopotâmia) ou como encarnações em vida de um deus (no caso do Egito). Em ambos os casos, essas lideranças eram incumbidas de uma rotina intensa de trabalhos espirituais, administrativos e militares. Um faraó típico do período não tinha obrigações que envolvessem qualquer trabalho físico, mas viviam em um transe permanente, oscilando entre o sonho e a vigília, em delírios de poder real e ficcional, tomando decisões que afetavam a vida de todos (RIBEIRO, op.cit., p. 66).

Esse tipo de organização social foi mais ou menos bem sucedida até o período de 1.200 a 800 a.C., quando enormes crises sociais, econômicas e ambientais – como explosões populacionais, guerras, fome e pestes – levaram diversos impérios ao colapso, fazendo emergir novas sociedades ancoradas sobre os mesmos preceitos divinos, mas que davam às classes subalternas alguma autonomia em relação à própria vida. Essa transição fica evidente em *Iliada* e *Odisseia*: enquanto Aquiles se apresenta como alguém que só age a mando dos deuses sem qualquer perspectiva de futuro, Ulisses, por sua vez, ainda escuta os deuses, mas se utiliza de diálogos internos práticos e utilitários para moldar o futuro à sua conveniência.

Do período grego à razão iluminista, os sonhos passaram por altos e baixos. Para o cristianismo, as experiências representam uma enorme importância nas narrativas do Novo Testamento. O apóstolo Mateus afirma no seu Evangelho que foi um anjo, em sonho, que orientou os reis magos a encontrar o caminho para visitar Jesus recém nascido, bem como o próprio José, que foi convencido, enquanto dormia, por um anjo a adotar o filho de Maria como seu. Paulo, por sua vez, teve sua jornada profundamente alterada por um sonho em que um macedônio lhe pedia ajuda; ao acordar, concluiu que devia partir rumo à Macedônia e propagar a fé cristã para além da população judaica, feito muito bem sucedido. Mesmo São Tomás de Aquino e, posteriormente, Martinho Lutero, tiveram suas contribuições com o universo onírico, seja para imprimir certo ceticismo quanto à origem divina dos sonhos, no caso do santo católico, seja para justificar a defesa do reformador protestante por apoiadores.

Já na Índia antiga, um uma imagem muito tradicional do hinduísmo mostra o deus Vishnu reclinado sobre a serpente Shesha enquanto sonha com a realidade do universo,

sustentando uma noção de que a própria realidade não existe como tal, mas que não passa de um sonho.

No Islã, por sua vez, os sonhos costumam ter uma boa aceitação e aparecem em diversos momentos para legitimar governantes a encontrar soluções para problemas, encontrando o ápice da sua importância no sufismo<sup>5</sup>. Existem duas palavras em árabe equivalentes ao sonho: *ru'ya* e *hulm*, que significam "visão" e "fantasma", respectivamente, sendo o primeiro bom e o segundo ruim. Os sonhos de origem elevada e de fontes espirituais como Alá e seus anjos são considerados “visão verdadeira” (*ru'ya sadiqah*); já o sonho de origem de uma fonte inferior como o ego (*nafs*), o demônio (*shaitan*) ou a colaboração de ambos, é considerado sem significado ou prejudicial – aqui se enquadram sonhos com fantasias sexuais, por exemplo. Em um relato importante, o profeta Maomé afirma que

teria sonhado que conduzia primeiro um rebanho de ovelhas negras, depois um rebanho de ovelhas brancas. Após algum tempo os rebanhos estavam completamente misturados e tornou-se impossível separá-los. As ovelhas negras foram interpretadas como símbolo dos árabes e as ovelhas brancas como símbolo dos não árabes, levando à conclusão – de claro teor político – de que o islã se espalharia pelo mundo para além das diferenças étnicas (RIBEIRO, 2019: p. 75).

Apenas a partir do século XVIII, enquanto o ocidente se modernizava e caminhava rumo à revolução industrial, os sonhos começaram a cair em descrédito, passando não mais a fazer parte da vida cotidiana, mesmo que numa relação ambivalente a depender do *zeitgeist* predominante, mas sendo apartado de qualquer vínculo residual de visões de mundo mágico-teológicas já que a

capacidade imaginativa do sonhador foi implacavelmente erodida, e o papel do visionário foi reservado a uma minoria tolerada de poetas, artistas e loucos. A modernização não poderia prosseguir num mundo povoado por uma massa de indivíduos convencidos do valor ou potência de suas próprias vozes internas (CRARY, 2016: p. 115).

Ainda hoje, qualquer um que se aventure entrar numa livraria de aeroporto ou uma banca de jornal certamente vai encontrar alguns títulos dedicados aos sonhos. Dicionários trazem significados e promessas de interpretações acessíveis a qualquer cidadão que queira mergulhar no seu universo onírico. "1.000 definições organizadas por temas, 130 ilustrações exclusivas em cores e mais 30 em preto e branco, além de fotografias que facilitam a leitura e o entendimento da obra", brada um dos exemplares em letras garrafais. A abordagem

---

<sup>5</sup> Corrente introspectiva do Islã que consiste em conjunto de práticas místicas com objetivo de alcançar orientações para a vida na vigília através de sonhos ou revelações.

superficial e instrumentalizada funciona como um menu: basta deslizar o dedo por qualquer um dos significantes organizados em ordem alfabética para encontrar um significado associado.

A título de coerência com o arcabouço teórico apresentado ao longo da especialização em Semiótica Psicanalítica - clínica da cultura, vamos explorar como os sonhos se relacionam com três pilares centrais do curso, apresentado ao longo dos últimos anos: a cultura, a psicanálise e a semiótica.

### **1.1 Sonhos na cultura**

Essa breve historiografia dos sonhos apresentada anteriormente joga luz à importância pendular que as experiências oníricas carregam ao longo da história. E em maior ou menor grau, os sonhos permearam grandes questões da humanidade: das pirâmides do Egito à melodia de *Yesterday*, dos Beatles, passando pela criação da tabela periódica e pela saga Harry Potter. Esses casos, um tanto quanto folclóricos, se somam a outras incontáveis situações em que se creditam aos sonhos um papel fundamental na sua concepção ou motivação, como no relato a seguir:

Era um bosque escuro. Não havia ninguém nele. Machuquei o rosto e lanhei os braços ao passar pelos arbustos. Tinha certeza de que estava acompanhada de outras pessoas. Acho que me perdi sozinha. Fiquei com muito medo. Sentia frio. Atravessei um arroio congelado e encontrei uma construção iluminada que mais parecia um celeiro. Passei por uma cortininha de palha, e então eu vi. Centenas de pedaços de carne, uns pedaços enormes, estavam pendurados em sarrafos. De alguns deles pingavam gotas de sangue vermelho ainda fresco. Abri caminho por incontáveis pedaços de carne, mas não conseguia encontrar a saída do outro lado. Meu vestido branco ficou completamente encharcado de sangue.

Não faço ideia de como saí de lá. Voltei correndo sem parar sobre meus próprios passos, cruzando o arroio outra vez. De repente, a floresta ficou clara e cheia do verde primaveril das árvores. O lugar estava tomado por crianças e senti um cheiro gostoso de comida. Várias famílias faziam piquenique. A cena era radiante, nem consigo descrevê-la. Dava até para escutar o barulho do riacho. Havia pessoas sentadas sobre esteiras perto dele, comendo rolinhos de arroz envoltos em algas. Na outra margem havia gente assando carne, cantando. Dava para ouvir riso e alegria vindos de todos os lados.

Mas eu estava estarrecida. Minha roupa ainda estava manchada de sangue. Aproveitei que ainda não tinha sido vista por ninguém, me encolhi e fui me esconder atrás de uma árvore. Minha mão também estava manchada de sangue, porque eu tinha comido pedaços de carne que estavam caídos no chão daquele celeiro. Eu tinha esfregado sangue vermelho da carne crua e mole na gengiva e no céu da boca. O reflexo dos meus olhos estava brilhando na poça de sangue no chão do celeiro. Foi

tudo tão real. A sensação de mastigar carne crua, o meu rosto, o brilho dos meus olhos. Parecia o de alguém que conheci pela primeira vez, mas com certeza era meu rosto. Quero dizer, pelo contrário, parecia tê-lo visto tantas vezes, mas não era meu rosto. Difícil explicar. Era familiar e desconhecido ao mesmo tempo... Essa sensação real e esquisita, terrivelmente estranha (KANG, 2018, p. 45).

A estranheza do relato do sonho de Yeonghye, personagem principal do romance "A vegetariana" (2019), da premiada escritora sul-coreana Han Kang, marca o início de uma reviravolta na vida tranquila de uma dona de casa. A partir desse e de outros relatos, como o que ela se metamorfoseia em uma árvore, Yeonghye para de comer carne e passa a viver de forma desleixada. Ela deixa de usar sutiã, não penteia mais os cabelos e começa a ter comportamentos constrangedores para o marido. A vida matrimonial desanda depois de flagrar a mulher numa madrugada jogando no lixo todas as carnes da geladeira. A única resposta que o marido obtém dela é "eu tive um sonho". A centralidade do sonho na obra ganhadora do Man Booker International Prize (2016) é inquestionável. A transformação da personagem não chega a ser kafkiana, mas vira do avesso a vida de todos os personagens de maneira irreversível.

Ainda no terreno da literatura e da ficção, os sonhos representam matéria prima quase infinita para a produção dos enredos. Um dos livros mais célebres de Stephen King, O Apanhador de Sonhos (2003), conta a história de quatro garotos que, durante a infância, dividem sonhos e pensamentos, criando um forte vínculo de amizade. Anos depois, durante incursões de caça num bosque, se envolvem em uma batalha com criaturas alienígenas que buscam invadir o planeta. A única chance de sobrevivência dos meninos está justamente nas experiências (também oníricas) do passado.

Assim como naqueles sonhos que de tão realistas é difícil distingui-los da realidade, Sonhos Elétricos, de Philip Dick (2018), traz uma sequência de textos que abordam realidades distópicas entre homens e máquinas, além de outras temáticas ao gosto desse mestre de ficção científica. O livro contém dez contos que foram adaptados para dez episódios da série Electric Dreams (2018).

Em uma passagem da literatura para o cinema, são incontáveis os livros que inspiraram filmes que têm nos sonhos algum tipo de referência ou âncora narrativa. Juan Droguett (2004) afirma que Freud introduz a fantasia como produção imaginária que o sujeito tem à sua disposição e a chama de sonho diurno. Segundo o autor, existem três dimensões da fantasia:

1. A fantasia tem um aspecto imaginário: corresponde a tudo o que o sujeito pode produzir em imagens, tanto de seu mundo como no âmbito da convivência.
2. A dimensão simbólica da fantasia trata do aspecto mais escondido: consiste em uma pequena história, que obedece a certas regras, a certas leis de construção, que são iguais às leis da língua. Na minha tentativa interpretativa, a fantasia simbólica segue o deslocamento seguido por Lacan, que não enfatizou a gramática da fantasia e sim sua lógica. A fantasia como axioma lógico tem a ver com essa falta no Outro, no campo do significante [...].
3. Ainda que seja paradoxal, a dimensão fundamental da fantasia é o real como um resíduo impossível. Há, portanto, uma "estética da fantasia". Lacan pega da literatura o exemplo para ilustrar sua teoria estética sobre a fantasia. Recolhe a fantasia de Sade, elaborada literariamente. No texto *Kant com Sade* (1998: 776), Lacan faz múltiplas referências culturais, especialmente à literatura francesa dos séculos XVIII e XIX. Na fórmula sobre a fantasia, Lacan diz que o sujeito não tem lugar, move-se com o significante ou como um significante. É do deslocamento de Bill e do olho do espectador que segue o percurso equivocado do objeto (DROGUETT, 2004, p. 199).

Na ordem da fantasia, um dos longas mais importantes de todos os tempos, *O Mágico de Oz* (1939) adapta o livro de L. Frank Baum (1900), que conta a história da jovem Dorothy Gale, que é arrastada por um poderoso furacão para um lugar chamado Oz. Lá ela vive aventuras extremamente fantasiosas com personagens marcantes, como Leão Covarde, o Espantalho, o Homem de Lata, a Bruxa Má do Oeste, o Mágico de Oz e, claro, seu cachorrinho Totó. Ao final do enredo, descobre-se que tudo não passou de um delírio onírico da própria Dorothy, abrindo margem para diferentes interpretações dessa experiência.

Outro filme que abusa da fantasia é a obra-prima de David Lynch, *Cidade dos Sonhos* (2001). Uma trama complexa, cheia de becos sem saída, muitas promessas, metamorfoses de identidade, além de um clima *sexy* e assustador apontam para um sentido muito particular de direção, que – tal qual a interpretação onírica psicanalítica –, funciona diferente para cada espectador. Uma curiosidade interessante sobre o filme é que esta é a primeira vez que o diretor David Lynch e as atrizes Naomi Watts e Laura Harring trabalham juntos. O posterior também traz o significante "sonho" no título em português: *Império dos Sonhos* (2001).

Não seria possível analisar todas as produções cinematográficas que orbitam em torno dos sonhos, mas também seria injusto não citar *A Hora do Pesadelo* (1984) e seu icônico Freddy Krueger, o assassino com sua luva de facas que habita o mundo dos sonhos, ou ainda *A Origem* (2010), um marco na carreira de Christopher Nolan, que traz uma sequência impressionante de aventuras que acontecem em sonhos dentro de sonhos.

Mas não é só nas produções culturais que os sonhos surgem como matéria prima para atividade onírica. Em "Sonhos confinados" (Dunker et al, 2021) e sua coletânea de relatos espontâneos de sonhos catalogados ao longo do ano de 2020, no calor dos acontecimentos, é possível encontrar figuras que estão em alta na mídia invadindo os sonhos dos brasileiros.

*Lockdown*, isolamento social, quarentena, tratamento precoce... em questão de meses, significantes pouco usuais no nosso cotidiano ajudaram a cristalizar as nossas angústias, ecoando também nos nossos sonhos. Institutos de pesquisa, como Universidade de Oxford, Fundação Oswaldo Cruz e Instituto Butantan ganharam status de grife ao terem suas conquistas acadêmicas anunciadas nas escaladas dos jornais mais assistidos do país. Cientistas com pouca projeção fora da academia se tornaram, de uma hora para outra, *popstars* disputados pela mídia – Natália Pasternak, Átila Iamarino, Margareth Dalcolmo e tantas outras figuras carimbadas dos telejornais aos poucos deixaram os jalecos de lado e aprenderam a operar câmeras e microfones para dar conta da meteórica fama que surgia como efeito colateral da demanda por informação qualificada. Todos esses nomes, bem como o de políticos e outras figuras públicas mais diretamente ligadas ao que se poderia, de fato, fazer para controlar a pandemia e seus efeitos, apareceram com frequência nos sonhos.

A recorrência onírica dessas figuras políticas começou a ser constatada em meados de abril e se intensificou expressivamente no mês de maio de 2020, na esteira do enorme volume de eventos, crises e conflitos políticos no período, como testemunham os próprios sonhadores. Elas se entrelaçam com as preocupações mais cruciais provocadas pela pandemia, pela quarentena subsequente e pela crise sanitária, fundindo expectativas e medos, esperanças e angústias, no limite da existência humana (DUNKER et al, 2020: p. 43).

Por fim, seria correto afirmar que os sonhos, que atravessam ou são atravessados por produtos culturais, ocupam um lugar mais do que lateral nas nossas vidas – Sidarta Ribeiro (2022) reivindica a ideia de que as experiências oníricas alcançam o status de máquina de produzir cultura, que constróem mais do que narrativas do nosso cotidiano, dando forma ou saída às nossas angústias e medos, mas que também são capazes de criar mitos e até deuses.

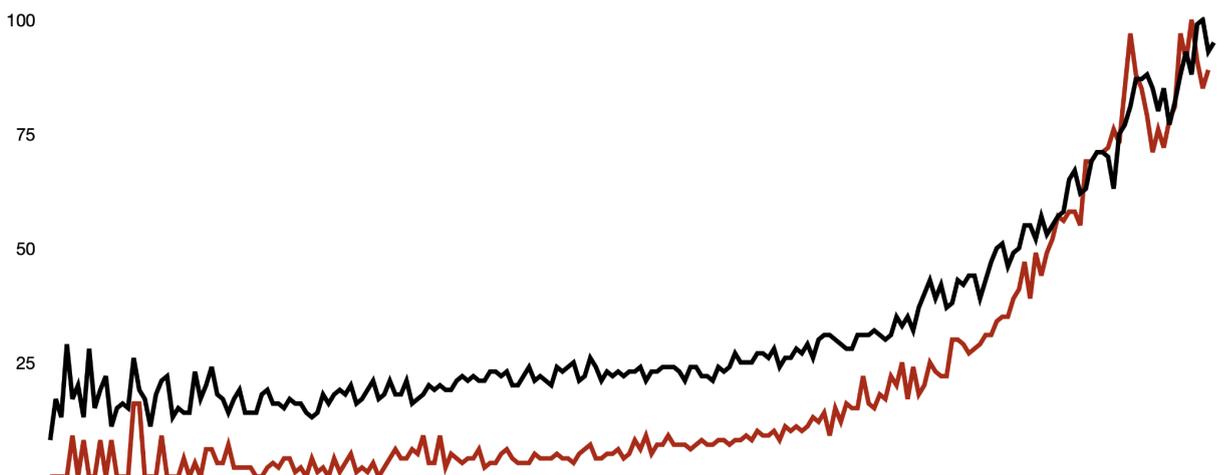
## 1.2 Sonhos na psicanálise

O fato histórico que garantiu uma guinada na importância dos sonhos foi o nascimento da psicanálise. Juan Droguett (2004) recorda a importância dos sonhos como objeto de estudo científico por Freud nos idos do ano de 1900: o método de interpretação dos sonhos dá título à obra homônima e inaugura um período fértil de investigações do inconsciente, a partir de relatos oníricos que figuram como um produto da vida psíquica até então desconsiderada ou pouco explorada pelas ciências médicas modernas (DROGUETT, op cit. p. 68).

Freud postula que aquilo que se lembra do sonho é considerado conteúdo manifesto e diz respeito a uma elaboração secundária, quando o conteúdo latente é cifrado para que seja possível ultrapassar a barreira do consciente, com exceção dos sonhos mais angustiantes ou referentes a episódios traumáticos nos quais a censura pré-consciente não pode evitar a passagem direta dos elementos do conteúdo latente do sonho à consciência daquele que dorme, fazendo com que o sonho seja caracterizado como uma "encenação alucinatória de situações traumáticas do passado" (Ibidem, p. 72). Cabe ainda lembrar que, para Freud, o sonho é a via régia para o conhecimento do inconsciente com uma ponderação importante: o sonho não é o inconsciente, mas sim uma forma em que uma ideia inconsciente assume ao ser combinada com o residual da consciência durante a vigília (Ibidem, p. 74).

Entre as capacidades ancestrais que precisam ser recuperadas, o sonho tem lugar central. A sociedade dos brancos desaprendeu a arte de sonhar, que exige memória, intenção, interpretação e coletivização das imagens oníricas pela narrativa ao despertar. Segundo o xamã yanomami Davi Kopenawa, "os brancos não sonham tão longe quanto nós. Dormem muito, mas só sonham com eles mesmos" (RIBEIRO, 2022: p. 68). A atrofia da capacidade de sonhar reflete o sequestro do desejo pela relação desmedida com as mercadorias.

Nesse contexto de um encadeamento de crises políticas, sanitárias, econômicas e sociais, nosso psiquismo foi diretamente afetado. O gráfico abaixo mostra o crescimento vertiginoso das buscas no *Google* pelos termos "crise de ansiedade" (em preto) e "ataque de pânico" (em vermelho) no Brasil. Em 2020 e 2021, as pesquisas por essas palavras atingiram o pico histórico no *Google Trends*, ferramenta que consolida as consultas feitas por usuários no buscador desde 2004 e que podem servir como um termômetro razoavelmente preciso sobre a quantas anda a saúde psíquica da população brasileira.



Fonte: Google Trends.

### 1.3 Sonhos na semiótica

Para que seja possível analisar os sonhos sob a perspectiva da semiótica de Charles Sanders Peirce, é preciso recorrer aos fundamentos da teoria do *sémeion*. De acordo com Lucia Santaella (2017), a semiótica nada mais é do que a ciência que estuda os signos, compreendidos por algo que

refere-se a, representa ou indica o seu objeto. Objetos de signos não são necessariamente "coisas", quer dizer, objetos materiais. Os signos verbais amor ou unicórnio também representam objetos. O primeiro representa experiências humanas, que todos nós devemos conhecer, o segundo representa um objeto de um mundo ficcional, que não existe no universo da "coisas" existentes, mas num outro universo, o universo das ficções da pintura, das esculturas e das obras literárias" (SANTAELLA et al, 2017: p. 11).

Ou ainda:

Um signo, ou *representamen*, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez, um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado, denomino interpretante do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu objeto. Representa esse objeto não em todos os seus aspectos, mas com referência a um tipo de idéia que eu, por vezes, denominei fundamento do *representamen*. (PEIRCE, 1945: p. 46).

Dessa forma, assumindo que os signos são parte de uma representação de coisas (concretas ou não), podemos concluir que os sonhos também podem ser classificados como tal, uma vez que se situam justamente no campo da representação (ou *representamen*).

Essas representações, no entanto, se dividem em três categorias universais: a primeiridade,

categoria dos fenômenos em si, considerados independentemente de qualquer outra coisa. Sem ser determinado por outra coisa, esses fenômenos não passam de meras possibilidades ainda não existentes (porque a existência é determinada por um lugar determinado no tempo e no espaço). Fenômenos da primeiridade, portanto, não são ocorrências, mas apenas possibilidades. Esses fenômenos aparecem na percepção imediata das coisas, antes de que elas sejam associadas a qualquer outro fenômeno. Na definição de Peirce, "primeiridade é o modo de ser daquilo que é tal como é, positivamente e sem referência a outra coisa qualquer" (CP8.328, 1994). É a categoria do sentimento sem reflexão, da liberdade sem qualquer restrição, do imediato, da qualidade ainda não distinguida, da independência, do frescor, da espontaneidade e originalidade (SANTAELLA et al, 2017: 37).

A secundidade que, por sua vez,

começa quando um primeiro se relaciona a um segundo fenômeno. Ela é a categoria dual dos fenômenos, ou seja destes em relação a outra coisa, é aquilo que existe e, para existir chama por algo como tempo e espaço, categoria dos fatos no sei aqui e agora, da ação e reação, do esforço e resistência, da realidade e da experiência real. Secundidade "nos aparece em *latos* tais como o outro, relação, compulsão, efeito, dependência, independência, negação, ocorrência, realidade, resultado" (CP1.358, c.1890). Se nessa lista de fenômenos de secundidade, parece estranho que tanto a dependência quanto a independência sejam fenômenos da mesma categoria, a explicação é que independência - em contraste à "liberdade sem qualquer restrição", que é um fenômeno de primeiridade - é um conceito que se define pela negação da dependência e envolve, portanto, duas vezes secundidade (Ibidem, p. 38).

E a terceiridade, que

é a categoria do geral, da continuidade e da mediação de um terceiro entre um primeiro e um segundo (CP1.337-349. c.1875; 5.66, 1903). O geral é um fenômeno de terceiridade porque generalidade implica continuidade. Ela é também a categoria da semiose e dos signos, da representação, da comunicação, das leis, das regras, da necessidade, do hábito e da síntese. A continuidade da semiose se constitui em tríadas que envolvem (1) o signo mesmo, (2) o objeto e (3) o interpretante. Como ficará mais claro abaixo (2.2) neste processo, o signo é o mediador entre o objeto que ele representa e o interpretante, que ele evoca. A definição peirciana do signo como mediador e lógica, abstrata e difere de concepções de mediação correntes, que definem mediação como uma ação entre pessoas, e o signo (ou a "mensagem"), que se coloca como o fenômeno mediador entre um emissor da mensagem e o receptor dela (Ibidem, p. 38).

Dadas as três categorias do *signicas* de Peirce, é possível submeter a maioria dos sonhos à análise semiótica levando em conta as três categorias, que classificam os elementos oníricos a partir da organização proposta por Peirce. Tomemos como exemplo o seguinte sonho, de uma mulher no interior de São Paulo:

Estava na casa de minha avó, na cidade de SP, com minha mãe doente sendo cuidada por uma tia num quarto dentro da casa. Eu estava do lado de fora, ouvindo um som distante, como se fosse um caminhão de som, com a voz do Bolsonaro ecoando. Aí

soube que ele veio para SP. para se pronunciar. E ele dizia claramente para uma massa de pessoas (que eu não via, pois apenas ouvia o som ecoando pelo ar) que um determinado bispo da Igreja Católica deveria morrer, pelo fato de tê-lo criticado, pelo fato de ter se posicionado contra uma fala dele (de Bolsonaro). Fiquei horrorizada com a fala dele, em choque pela violência, pela sugestão que ele trazia (as pessoas poderiam assassinar o bispo). Me senti extremamente perdida e dividida entre essa sensação de horror e a preocupação com a saúde da minha mãe. A primeira coisa que pensei foi esse caráter "coletivo", quando eu ouvia a voz de Bolsonaro ecoando pelo ar" (DUNKER et al, 2020, p. 116).

É importante notar que há algo que se repete nos relatos oníricos envolvendo figuras políticas: a criatividade das verbalizações e o diálogo com o cotidiano do sonhador. No caso acima, a doença, a voz do presidente que ecoa onipresente, a morte e a violência são elementos relacionados à primeiridade, ou seja, os fenômenos *per se*, que surgem tal qual estão no mundo, sem qualquer tipo de consideração. Ainda na gramática de Peirce, também podemos encontrar elementos relacionados à secundidade – categoria que diz respeito a um segundo, a relação, o efeito, o resultado –, como horror que surge em função da fala do presidente, o choque pela agressividade da sugestão, a preocupação com a saúde da mãe. E, por fim, o principal elemento relacionado à terceiridade, que aparece também como um signo oriundo da elaboração, é justamente o caráter coletivo, ou o que essa sequência de acontecimentos pode significar daquela cena em diante. O sonho, portanto, parece ter um aspecto funcional, como uma etapa posterior, de semiose, desenvolvendo uma cadeia de significantes recalcados por ausência de elaboração, mas que retornam em busca de sentido.

Essa mesma estrutura triádica, que leva em conta as categorias universais de Peirce, podem ser aplicadas à maioria dos sonhos coletados nas duas obras analisadas neste projeto, principalmente os relatos mais elaborados, quando é possível analisar os significantes se formando a partir do processo de fala, que é muito parecido com o próprio processo psicanalítico da associação livre proposta por Freud, como um "meio de acesso às leis e ao movimento próprios do inconsciente" (DROGUETT, 2004: p. 67)

## **Capítulo 2: As incertezas contextuais, o retorno do recalcado e a elaboração onírica**

Pode-se dizer que uma população angustiada e ansiosa, vivendo a maior crise de saúde da sua história recente sob um governo autoritário e negacionista, que conspira publicamente para que os cidadãos se contaminem em prol de uma pretensa preservação da economia, tem motivos para ter pesadelos. Mas é claro que o Brasil não está sozinho nesse fenômeno de

aumento de relatos de sonhos. E isso tampouco é inédito. Em meados da década de 1930, durante a ascensão do regime nazista na Alemanha, a jornalista Charlotte Beradt passou a ter pesadelos horríveis e acordar todas as manhãs assustada e encharcada de suor. Ao se dar conta de que os sonhos estavam diretamente relacionados ao que ocorria à sua volta durante a vigília, ela passou a questionar as pessoas mais próximas numa intuição de que não estava sozinha nessa batalha noturna. Ela estava certa: os sonhos, embora individuais, carregavam aspectos imaginários da sociedade alemã da época, como se fosse possível sonhar coletivamente.

Tanto o caso alemão quanto o brasileiro podem se aproximar a partir do contexto ou, mais precisamente, das incertezas decorrentes do ambiente. Em ambas as situações havia uma ameaça concreta e tangível contra a vida das pessoas e vários elementos se fizeram mais presente no cotidiano, como a intervenção do Estado, as liberdades individuais limitadas, angústias decorrentes do cenário incerto pela frente e, acima de tudo, o atravessamento político que trouxe a questão política para o centro da experiência onírica.

Sonhar com líderes políticos passou a ser uma constante. No Brasil, Bolsonaro aparece como figura central, como no sonho de uma mulher que está em um ônibus de viagem junto com o presidente e tenta, de maneira didática e paciente, explicar o que ele deveria fazer para melhorar a situação da pandemia no país (Dunker et al, 2021). Na Alemanha, um homem sonha que, de um avião, lançou Hitler de dentro de uma convenção do partido e o levou para ser julgado por Churchill, na Inglaterra (Beradt, 2017). Nos dois casos, Bolsonaro e Hitler ocupam posição central, e o sonhador, cada um à sua maneira, tenta influenciar na resolução do problema, seja ensinando, seja pegando o ditador literalmente no laço.

Há, ainda, os sonhos de caráter sexual. Tanto Bolsonaro, quanto Hitler, frequentemente aparecem em posições de autoridade, virilidade e masculinidade, fazendo juz a todos os elementos cênicos que aparecem junto com as suas figuras, como botas lustradas, fardas e ternos. O caso a seguir toca exatamente nesse ponto:

Esse sonho me parece tão absurdo que mal consigo contá-lo. Sonhei que o presidente Bolsonaro chupava os meus seios e logo iria com outra mulher, eu não sentia prazer com aquilo, mas era como se eu tivesse no papel de subjulgada que não tinha autonomia para me opor e não conseguia verbalizar, que precisava de alguma maneira ou por algum motivo passar por aquilo (DUNKER, 2020, p. 205).

Esse sonho curioso tem uma única cena muito curta, quase estática. As mulheres não têm rosto, desejos ou voz e se resumem a um único objeto: o seio. Apesar de uma imagem perturbadora, a sonhadora faz questão de se distanciar do enredo de alguma forma, "esse sonho me parece tão absurdo que mal consigo contá-lo", e mesmo assim, todas as colocações aparecem no negativo: "não sentia prazer", "não tinha autonomia", "não conseguia verbalizar". O silêncio e a obrigatoriedade do ato são os únicos elementos afirmativos, tornando a cena ainda mais incômoda. Porém, outro aspecto que não pode passar despercebido é o ato falho com a palavra *subjugada*, "que aparece no lugar de "subjugada", e que condensa o prefixo "sub" e a palavra "julgada", temos novamente a indicação sobre sua posição de inferioridade na cena, "está abaixo de"" (Ibidem, p. 205). O estranhamento e a humilhação que a sonhadora aponta reflete o aspecto de inconveniência atribuído ao presidente, não sendo possível nenhum tipo de vinculação possível entre os dois que não estejam localizados nessa chave. No caso de outro sonho, dessa vez na Alemanha, o desfecho é bem diferente e coloca o sonhador em uma posição de extremo paradoxo:

Aos domingos, preciso ir à estação (de metrô) Zoológico coletar doações para os nazistas. Penso comigo: Ah, quero passar o dia tranquilo, então, em vez da caixa de coleta, vou levar uma manta e um travesseiro, para ficar sem fazer nada'.

Uma hora depois, entretanto, aparece Hitler. Ele usa botas de cano alto envernizadas e brilhantes, como as de um domador, mas também calças de cetim lilás amassadas e muito cintilantes, como as de um palhaço de circo.

Hitler dirige-se a um grupo de crianças e, fazendo gestos artificiais e exagerados, inclina-se para elas. Então, vira-se, de uma maneira bem diferente, com uma postura ereta, para um grupo de adolescentes. Depois vai em direção a um círculo de velhas solteironas, dessas que se encontram para tomar chá, e, entre elas, ele se faz brincalhão (quis talvez expressar que Hitler vasculha os mais diferentes grupos da comunidade do povo, sempre com gestos calculados).

Debaixo do cobertor, sinto-me incomodado e tenho medo; ele vai se aproximar de mim, vai me tomar por um representante do grupo das pessoas que fingem dormir e vai perceber que eu não trouxe nenhuma caixa de coleta. Imagino momentaneamente que resposta heróica devo ter à mão, algo como: 'Sou obrigado a estar aqui, mas sei dos campos de concentração e sou contra eles'.

Hitler continua a dar sua volta. Ora essa, as outras pessoas não têm medo algum - uma delas até mantém seu cigarro na boca enquanto conversa com ele, e muitas dão risadas!

Meu tempo previsto de coleta chega ao fim. Pego a manta e o travesseiro e desço a grande escadaria da estação. Ao chegar lá embaixo, olho para cima. Hitler está lá e, no fim de sua aparição, canta um trecho da ópera Mágica (muitos chamavam de 'mágico' o que ele fazia), sempre com seus gestos exagerados, destinados a impressionar o público.

Todos aplaudem, ele se inclina e desce a escadaria correndo, suas calças lilás de circo chamam outra vez minha atenção (durante o dia eu havia lido que lilás é a cor

do luto na Inglaterra; ou seja, eu não estava apenas vendo-o como palhaço, mas também o relacionando a morte e luto).

Olho em volta, perguntando-me onde está sua famosa guarda de proteção, mas vejo que Hitler trouxe apenas um motorista à paisana. Ele se dirige à chapelaria, como todos os demais, espera pacientemente até chegar a sua vez e recebe seu casaco. Talvez ele não seja assim tão ruim... Talvez seja em vão o meu esforço de ser contra ele.

De repente percebo que, em vez do travesseiro e da manta, o que tenho nas mãos é uma caixa de coleta (BERADT, 2017: p. 128).

Este sonho deixa evidente o processo de adaptação ao qual o sonhador foi submetido. O enredo parece que segue um roteiro: Hitler é caricaturado em diferentes *personas* – domador, palhaço, portador da morte, cantor de ópera. Ao final, quem parece ter sido domado é o próprio sonhador, que num movimento de acomodação às circunstâncias, muda sua percepção, "talvez ele não seja assim tão ruim" e sentencia que seu esforço em "ser contra ele" parece em vão, sendo mais fácil ceder a uma versão menos incômoda de Hitler. Há uma certa prontidão em se deixar enganar. Impõem-se tendências a fornecer um alibi depois de ter sido condicionado durante tempo suficiente por uma certa combinação de pressão e propaganda e levado àquele estado de receptividade e suscetibilidade em que os mecanismos de defesa desmoronam.

Por fim, para avançar sobre os aspectos subjetivos de como cada povo (brasileiros ou alemães) respondem às pressões cognitivas em função do momento histórico de ambos países, vamos nos ater às especificidades do momento histórico alemão e brasileiro.

## **2.1 Contexto histórico brasileiro**

Quando os primeiros casos do novo coronavírus foram registrados na China, ainda em 2019 (daí o título Covid-19), não era possível imaginar os efeitos devastadores que ela traria ao mundo. Os dados mais recentes contabilizam mais de 548 milhões de pessoas contaminadas e inaceitáveis 6 milhões de mortes – números sabidamente e convenientemente subnotificados, que ficarão obsoletos muito em breve, já que a pandemia está controlada, mas longe de seu fim.

A situação do Brasil chega a ser duplamente trágica: não bastasse um país de dimensões continentais — e com desafios estruturais inquestionáveis — ter que administrar a

maior crise de saúde da sua história recente, é atravessar esse momento tendo como piloto Jair Bolsonaro e seu governo caquistocrático, que atuaram como verdadeiros sócios do vírus, fazendo o possível para disseminar a doença no país, apostando na perigosa tese da imunidade de rebanho, sustentada pelo Planalto durante toda a pandemia.

É importante fazer uma digressão temporal para termos mais visibilidade sobre como a postura do governo federal matou dezenas de milhares de brasileiros, deixando sequelas irreparáveis na vida cotidiana do país. De acordo com o “Mapeamento e análise das normas jurídicas de resposta à Covid-19 no Brasil” (2021), do Centro de Estudos e Pesquisas de Direito Sanitário da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, realizado em parceria com a organização não governamental Conectas Direitos Humanos, a estratégia federal de disseminação do vírus no país atuou em três frentes: atos normativos adotados na esfera da União, incluindo vetos presidenciais; atos de governo, que compreendem procedimentos sistemáticos de obstrução de medidas de contenção da doença; e propaganda contra a saúde pública, incluindo a disseminação de notícias falsas e ativismo político com foco em desacreditar autoridades sanitárias.

As evidências coletadas são da ordem do absurdo, como a fala do Ministro-chefe da Secretaria Geral da Presidência da República, Onyx Lorenzoni, que discorre em entrevista à rádio Jovem Pan:

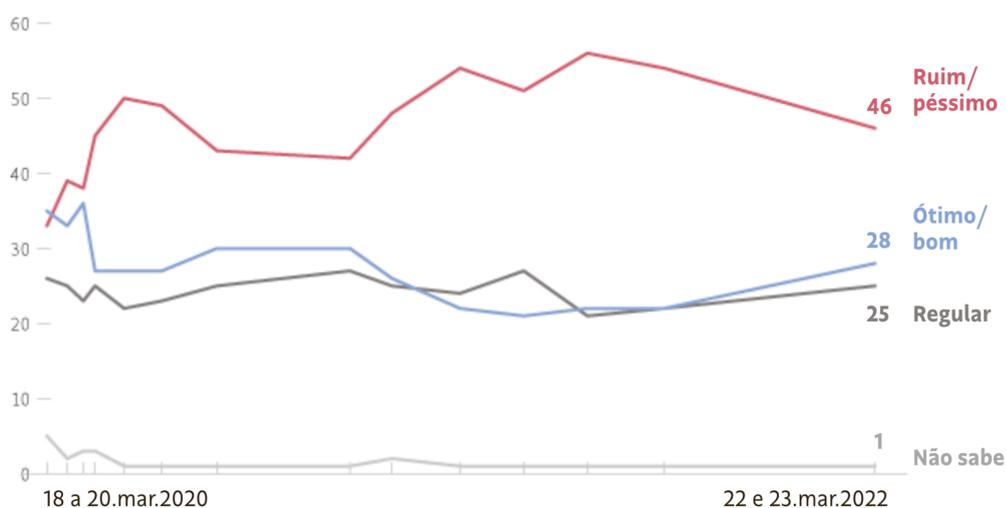
Eu considero todos eles muito tolos. Por quê? Porque não são inteligentes. Muitos ainda insistem numa ferramenta chamada lockdown, que já está provada em várias experiências no mundo que ela é ineficiente (...) E por que ela é ineficiente? Alguém consegue impedir nas áreas urbanas que o passarinho, o cão de rua, o gato, o rato, a pulga, a formiga, o inseto se locomova? Alguém consegue fazer o lockdown dos insetos? É óbvio que não. E todos eles transportam o vírus. Não são contaminados pelo vírus, mas podem transportar o vírus. Podem. É uma possibilidade” (Jovem Pan News, 2021).

Ou ainda a hipótese do médico gaúcho e ex-ministro da Cidadania, Osmar Terra, que estimou "entre três a quatro mil" o número de mortos pela pandemia no Brasil (CNN Brasil, 2020), cifra bem distante das atuais 672 mil mortes registradas até o momento.

Essa aparente dissimulação ou desconexão com a realidade não aconteceu por acaso ou por incompetência, mas sim por método, como apontou o relatório final da Comissão Parlamentar de Inquérito, que imputou nove crimes ao presidente na condução da pandemia: crime de responsabilidade, emprego irregular de verba pública, crimes contra a humanidade,

charlatanismo, crime de epidemia, incitação ao crime, falsificação de documento particular, prevaricação e crime de infração de medida sanitária preventiva. Nenhum deles foi levado adiante pelo Procurador Geral da República, Augusto Aras, aliado de Bolsonaro e responsável pela continuidade do processo.

Apesar do tumulto e do ambiente caótico que o governo mantém permanentemente no país, a população brasileira soube avaliar e discernir sobre o que realmente importa no meio de tanta neblina: as vacinas. Mesmo começando uma campanha de vacinação atrasada em relação à Europa e países vizinhos, como Chile e Argentina, o Brasil tem, de acordo com o site Our World in Data, 80% da sua população totalmente imunizada, indicador superior ao de países como Estados Unidos (67%), Alemanha (76%), Reino Unido (75%), França (79%) e Rússia (51%). E mesmo a avaliação do presidente sobre a condução da pandemia sempre foi muito ruim: de acordo com a última pesquisa DataFolha, realizada em março de 2022, 46% da população reprova a condução da pandemia, indicador que chegou a marcar 54%.



Fonte: Folha de S.Paulo.

Essa rápida recapitulação ajuda a situar quais eram as condições em que o país se encontrava durante os momentos mais graves da pandemia. O pico de mortes aconteceu em 30 de março de 2021, quando o país registrou 3.780 óbitos em 24h. É com esse plano de fundo que analisamos os relatos dos sonhos dos brasileiros coletados durante a pandemia. A proposta é fazer uma análise retroativa da cadeia de significantes dos sonhos, pois de acordo com Juan Droguett (2004), é possível, através da análise psicológica de experiências oníricas, acessar

algo intrínseco ao inconsciente, subvertendo o entendimento de que "a vida é apenas um sonho ou que a realidade é só uma ilusão" (Ibidem, p. 22)

Os relatos de sonhos coletados dão conta de um sofrimento profundo, um trauma na vida das pessoas e no imaginário coletivo do país. Enquanto de um lado os brasileiros morriam aos milhares, de outro, havia uma máquina de produção de morte que extrapolava a tese foucaultiana de deixar morrer para a operacionalização sistemática de gabinetes paralelos que agiam nas sombras, em um movimento de institucionalização do que Vladimir Safatle (2020) chamou de "estado suicidário", um tipo específico e perigoso de organização política – ou de necropolítica turbinada –, que coloca o governo como gestor da morte em um macabro ritual de emergência de uma nova forma de violência estatal e de rituais periódicos de destruição de corpos, que teria como objetivo o fim do próprio estado (Safatle, 2021).

Esse permanente estado de tensionamento patrocinado pelo governo e seu necroestado provocava uma sobrecarga cognitiva em uma população traumatizada e historicamente negligenciada, especialmente as classes menos favorecidas, fazendo com que os brasileiros tivessem que conviver não só com a ameaça concreta do vírus, mas também com um tipo de intimidação estatal, viabilizando o surgimento de relatos como o que vem a seguir, de uma mulher de Sorocaba, interior de São Paulo.

Estava na casa de minha avó, na cidade de SP, com minha mãe doente sendo cuidada por uma tia num quarto dentro da casa. Eu estava do lado de fora, ouvindo um som distante, como se fosse um caminhão de som, com a voz do Bolsonaro ecoando. Aí soube que ele veio para SP. para se pronunciar. E ele dizia claramente para uma massa de pessoas (que eu não via, pois apenas ouvia o som ecoando pelo ar) que um determinado bispo da Igreja Católica deveria morrer, pelo fato de tê-lo criticado, pelo fato de ter se posicionado contra uma fala dele (de Bolsonaro). Fiquei horrorizada com a fala dele, em choque pela violência, pela sugestão que ele trazia (as pessoas poderiam assassinar o bispo). Me senti extremamente perdida e dividida entre essa sensação de horror e a preocupação com a saúde da minha mãe. A primeira coisa que pensei foi esse caráter "coletivo", quando eu ouvia a voz de Bolsonaro ecoando pelo ar" (DUNKER, 2020, p. 116).

Algo se repete nos relatos oníricos envolvendo figuras políticas: a criatividade dos relatos e o diálogo com o cotidiano do sonhador. Há um elemento inovador, carregado de elementos da primeiridade, categoria peirceana do sentimento sem reflexão, da liberdade sem qualquer restrição, da qualidade ainda não distinguida, do frescor, da espontaneidade e originalidade (Santaella, 2019). No caso acima, a mãe doente, a voz do presidente que ecoa onipresente, a morte anunciada, a violência. Ainda na gramática de Peirce, também podemos encontrar elementos relacionados à secundidade – categoria que diz respeito a um segundo, a relação, o

efeito, o resultado (p. 38) –, como a preocupação, a crítica proibida, a dúvida, o horror da morte. O sonho, portanto, parece funcionar como uma etapa posterior, de semiose, numa cadeia de significantes recalçados por ausência de elaboração, mas que retornam em busca de sentido.

Os relatos oníricos coletados para o livro "Sonhos confinados" (2021) se localizam numa chave que permeia a dificuldade de se elaborar o luto nas condições atuais e os ecos dos traumas do passado constituem um cenário de difícil elaboração: "houve um acréscimo na exigência de trabalho psíquico a fim de dar contorno àquilo de que *a priori*, não se tinha representação" (DUNKER et al, 2021). Dessa forma, as experiências oníricas recentes identificadas desde o início da pandemia dão concretude à teoria de Freud, que inaugura a possibilidade de se encarar os sonhos não só como objeto de estudo, mas também como o início de uma teoria que perdura e resiste até os dias atuais, abrindo espaço para novas interpretações, como as que são propostas neste projeto.

## **2.2 O contexto alemão**

O livro "Sonhos no Terceiro Reich" (2017), escrito pela jornalista alemã Charlotte Beradt, foi publicado originalmente em 1966 e reúne relatos de sonhos de trezentas pessoas entre 1933 e 1939. A autora, que vinha de uma família judia de comerciantes alemães, faz uma leitura precisa semelhante à difícil arte psicanalítica de fazer os sonhos falarem por si próprios. Embora as análises sejam fundamentais para dar contexto e revelar aspectos importantes da cultura local da época, ela não propunha uma moral dos sonhos, pelo contrário: apresenta-os de maneira crua, apenas com comentários e análises laterais que ajudam a dar contorno aos relatos, facilitando a vida do leitor de 2022.

Depois do fim da segunda guerra, Beradt se mudou para Nova York, trabalhando junto com Hannah Arendt em um importante processo de desnazificação da Alemanha. Ambas concordavam com a hipótese de que a ascensão de Hitler ao poder não poderia ser encarada como uma súbita loucura coletiva dos alemães, nem ao mero desvio de rota dos processo de racionalização próprios da modernidade, como afirma Christian Dunker no prefácio da obra.

Os sonhos, em um contexto de um estado totalitário em formação, é um processo artesanal inconsciente, que reúne como matéria prima elementos da vida cotidiana, banal,

criando enredos e narrativas complexas que causam enorme estranheza e, muitas vezes, contradições, como o caso do médico que sonhou que era a única pessoa do mundo capaz de curar Hitler, sonho encarado com um misto de orgulho e vergonha. Ou ainda o do funcionário público que finalmente toma a decisão de fazer uma ligação para delatar seus amigos, mas quando pega o telefone não consegue dizer nada. Àquela altura, o simples fato de decidir e mesmo sem a passagem ao ato, é suficiente para enchê-lo de constrangimento.

Há ainda os sonhos que relatam um aparato de vigilância tipicamente orwelliano, como o de uma mulher que relata:

Estou sentada, muito bem-arrumada e penteada, trajando um vestido novo, no camarote da ópera, que é enorme, com muitos balcões, e desfruto dos olhares de admiração. Apresentam ali minha ópera favorita, *A flauta mágica*. Depois do trecho 'Das ist der Teufel sicherlich' [É com certeza o diabo], um esquadrão da polícia entra marchando com passos fortes, diretamente em minha direção. Com a ajuda de uma máquina, eles constataram que, ao ouvir a palavra 'diabo', eu pensara em Hitler. Vejo-me suplicando por ajuda em meio a todas as pessoas vestidas solenemente. Mudas e inexpressivas, elas se olham; mas nenhum rosto mostra compaixão. Ainda que o velho senhor no camarote vizinho pareça, sim, distinto e bondoso, quando tento olhar pra ele, ele cospe em mim (BERADT, 2017: p. 48).

Mais tarde, quando a mulher foi questionada sobre o sonho, ela também trouxe a ideia de máquina controladora de pensamentos, um dispositivo com um emaranhado de fios capaz de ler o que a pessoa pensava. Aqui é possível ter claro alguns recursos políticos utilizados pelo regime e refletido nos sonhos: a humilhação pública, o olhar inexpressivo e aparentemente inofensivo dos presentes na ópera, mas que tudo observam, além da normalidade cênica, artificial e sufocante.

Em outro caso, ao se dar conta de que livros começam a ser recolhidos e queimados, uma mulher relata o seguinte sonho:

Sei que todos os livros serão levados e queimados. Mas não quero me separar do meu Don Carlos<sup>6</sup>, um volume antigo e gasto da época da escola, cheio de anotações a lápis; por isso eu o escondo embaixo da cama de nossa criada. Entretanto, ao chegarem, os homens da SA vão com seus passos fortes diretamente para o quarto dela [os passos fortes e a rápida descoberta são quesitos do sonho anterior – vamos encontrá-los em vários outros sonhos], tiram o livro de debaixo da cama e jogam-no no carrinho de mão, que segue para a fogueira. Descubro, então, que eu não havia escondido o meu velho Don Carlos, mas um atlas. Mesmo assim fico parada, cheia de culpa, e deixo que os homens o levem" (Ibidem, p. 49).

O sentimento de culpa também é recorrente. Ceder ao mal e à sua banalidade é algo questionável na consciência, mas com pouco controle no inconsciente. Freud (2020) já

---

<sup>6</sup> Drama de Friedrich Schiller, escrito e publicado entre 1783 e 1787 [N.T.]

alertava o aspecto de desejo presente nos sonhos. Há, portanto, o paradoxo da experiência: enquanto coletiva, quando se vive sob um regime totalitário em que todas as liberdades são cerceadas e devem ser permitidas (ou não); e a privada, no limite, o sonho enquanto experiência individual por excelência, mas que atravessada pelo Real e que tenta resolver de maneiras absurdas, mas que garantem um certo conforto ou acomodação, como trocar um livro pelo outro ou se esconder no fundo do mar.

### **3. Resultados da pesquisa**

A ótica deste trabalho sobre ambas as obras, *Sonhos Confinados* (2021) e *Sonhos no Terceiro Reich* (2017) é de um viés político – oniropolítico. É importante pontuar que não se trata de qualquer equiparação do momento histórico que cada país viveu, tampouco existe sugestão de similaridade entre os sistemas políticos da Alemanha nazista, que atravessou um processo importante de ruptura institucional, e o Brasil, que apesar de ter uma democracia jovem e frágil, (ainda) não cruzou os limites do regime democrático, embora essas marcações estejam cada vez mais elásticas, abrindo espaço para arroubos autoritários, como temos acompanhado ao longo dos últimos anos, especialmente durante a pandemia.

Isto posto, vamos nos ater às diferenças e semelhanças dos sonhos que aparecem nos relatos oníricos envolvendo a liderança máxima de cada país: no Brasil, Jair Bolsonaro; na Alemanha, Adolf Hitler. Situar ambas as figuras lado a lado para comparação ajuda a mensurar o impacto que cada um dos líderes exerce na subjetividade da população de cada país.

#### **3.1. Sonhos no Terceiro Reich**

Foram identificados treze relatos, na íntegra, de sonhos que citam nominalmente Adolf Hitler e muitos outros envolvendo figuras políticas importantes do alto escalão do regime nazista, sendo Joseph Goebbels o mais mencionado. É importante ponderar que em "*Sonhos no Terceiro Reich*" (2017), a centralidade da política é muito maior do que em "*Sonhos confinados*" (2021), justamente porque o processo de ascensão de Hitler se dá no terreno político. Assim, faremos uma breve análise dos sonhos envolvendo Hitler, destacando os principais elementos a título de comparação.

Resumo do sonho	Principais significantes	Página
Uma mulher sonha que suas ligações telefônicas com o irmão são monitoradas pelo Serviço de Controle de Telefonemas, portanto, ao se comunicar com o irmão, sempre toma o cuidado de elogiar Hitler. Certa vez, cometeu um deslize ao dizer que está infeliz e, na mesma noite, recebe uma ligação de alguém que se identifica como o tal serviço. Ela se vê justificando e implorando para não ser denunciada, como se estivesse em um tribunal. Do outro lado da linha, a voz permanece em silêncio, deixando-a em uma incerteza torturante.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Vigilância</li> <li>• Controle</li> <li>• Comunicação</li> <li>• Família</li> <li>• Incerteza</li> <li>• Angústia</li> </ul>	57
Um médico sonha que o regime nazista instala arames farpados nas janelas do hospital no qual trabalha, transformando o espaço em um campo de concentração. Mesmo sendo contra, é demitido e, tempos depois, chamado de volta pois é o único que pode curar Hitler. Orgulhoso, chora de vergonha. No sonho seguinte, ele está em um campo de concentração onde os prisioneiros passam muito bem, jantando com fartura e assistindo peças teatrais. Pensa que é exagerado o que se ouve sobre os campos de concentração e, quando se olha no espelho, está usando um uniforme de médico de campo de concentração. Chora novamente de vergonha.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Saúde</li> <li>• Hospital</li> <li>• Campos de concentração</li> <li>• Prisioneiros</li> <li>• Orgulho</li> <li>• Vergonha</li> <li>• Constrangimento</li> </ul>	78
Uma mulher sonha que está em uma grande sala de aula, enquanto o diretor da escola, que tem suas feições misturadas com a de Hitler, usa o seu namorado, Paul, como objeto de demonstração de características inferiores. O professor, chamado de <i>Diktierer</i> <sup>7</sup> pela sonhadora, tem uma expressão gélida e sarcástica, e não se comove com a defesa desafiadora da jovem e de um outro senhor, que afirmam que Paul é uma pessoa honesta. A cena é interrompida por um feixe de luz azul que invade a sala, passando pelo <i>Diktierer</i> e repousando sobre a sonhadora, para o espanto dos presentes, que murmuram que é um milagre. A luz, na verdade, é proveniente de uma porta aberta pela empregada, que acorda a jovem do seu sonho.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ditador</li> <li>• Escola</li> <li>• Racismo</li> <li>• Autoritarismo</li> <li>• Milagre</li> <li>• Namorado</li> </ul>	86

<sup>7</sup> O termo *Diktierer* não existe em alemão, mas representa um jogo com as palavras *diktador* (ditador) e o verbo *diktieren*, que significa ditar, pronunciar [N.T.].

<p>Em um longo sonho de quase três páginas, uma mulher conta uma experiência onírica em quatro atos: 1) ela recebe maços de folhetos pela porta de casa com mensagens cifradas, alertando que ela está em perigo; 2) foge, apesar dos protestos do pai. No caminho, rasga bandeiras com a suástica e fotos de Hitler; 3) ela vê dois homens conversando aos sussurros, encosta a mão em seus ombros e grita "Somos velhos adversários do partido e precisamos protestar!", na intenção de desviar a atenção da sua fuga e agregar aliados; 4) os três correm pelas ruas, repetindo as mesmas palavras de ordem, durante o percurso, centenas de pessoas se juntam a eles em uma passeata. Ela acorda esgotada e ainda dizendo "precisamos protestar!".</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Comunicação</li> <li>• Mensagens cifradas</li> <li>• Bandeiras nazistas</li> <li>• Fotos de Hitler</li> <li>• Protestos</li> <li>• Astúcia e perspicácia</li> <li>• Multidão</li> <li>• Gritos de ordem</li> <li>• Protestos</li> </ul>	<p>115</p>
<p>Um jornalista de 35 anos sonha que voa sobre Nuremberg, pesca Hitler com um laço, tirando-o do meio de um congresso do partido e o afunda no mar entre a Inglaterra e a Alemanha. Às vezes continua voando em direção à Inglaterra e conta para Churchill onde Hitler foi parar e que foi ele que o fez.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Congresso</li> <li>• Partido nazista</li> <li>• Hitler</li> <li>• Churchill</li> <li>• Orgulho</li> </ul>	<p>124</p>
<p>Um homem de cerca de trinta anos sonha que, aos domingos, precisa ir a uma estação de metrô coletar doações para os nazistas. Pensa em passar o dia tranquilo e, para isso, leva uma manta e travesseiros para descansar. Em dado momento, Hitler aparece vestido com um palhaço de circo, divertindo as crianças e outros grupos que estão por ali. O homem – que não trouxe a caixa de coleta – tem medo de ser confrontado por Hitler, mas pensa em desafiá-lo e dizer não concorda com os campos de concentração. Dado o fim do horário da coleta, ele desce as escadas para ir embora, quando se depara com Hitler, que canta o trecho de uma ópera e é aplaudido por todos. Surpreso em não ser confrontado, ele ainda vê Hitler esperando na fila da chapelaria pacientemente e conversando com as pessoas. Por fim, pensa que talvez ele não seja tão ruim assim e, quando se dá conta, em vez do travesseiro, o que tem na mão é a caixa de coleta.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Hitler</li> <li>• Crianças</li> <li>• Estação de metrô</li> <li>• Travesseiro e manta</li> <li>• Caixa de coleta</li> <li>• Dúvida</li> <li>• Confronto</li> <li>• Adequação ao regime</li> </ul>	<p>126</p>
<p>Uma mulher mais velha sonha frequentemente com</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Hitler</li> </ul>	<p>137</p>

<p>Hitler e Göring. Eles querem algo dela. E ao invés de dizer "eu sou uma mulher honrada", ela diz "Mas eu não sou nazista", e isso os agrada ainda mais.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Göring</li> <li>• Honra</li> <li>• Nazista</li> </ul>	
<p>Uma empregada doméstica de 33 anos sonha estar em uma grande e escura sala de cinema. Ela tem medo pois só membros do partido podem ir ao cinema. De repente, Hitler entra no espaço o que a deixa com ainda mais medo, mas ele não só a permite ficar, como também se senta ao seu lado e coloca os braços sobre seus ombros.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cinema</li> <li>• Hitler</li> <li>• Partido nazista</li> <li>• Proibição</li> <li>• Medo</li> </ul>	137
<p>Uma vendedora sonha que está em um concerto. Hitler passa pelas fileiras da frente, apertando a mão de todos. Ela se questiona se pode dar a mão para ele e, ainda, se deve dizer que é contra. Ele se aproxima, coloca as mãos sobre as dela para demonstrar proximidade e fica assim até que ela acorde.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Concerto</li> <li>• Cumprimentos</li> <li>• Cordialidade</li> <li>• Hitler</li> <li>• Incômodo</li> <li>• Dúvida</li> </ul>	138
<p>Uma dona de casa sonha que muitas pessoas estão sentadas junto a longas mesas dispostas em uma avenida. Ela também se senta, embora um pouco mais afastada dos demais. Hitler então surge distribuindo folhetos de maneira apressada e descuidada para os presentes. Quando chega a sua vez de receber, ele a entrega o folheto cuidadosamente com uma mão, enquanto acaricia seus cabelos com a outra.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Hitler</li> <li>• Propaganda</li> <li>• Carícias</li> </ul>	139
<p>Uma jovem cuja avó é judia sonha que conversa animadamente com Hitler à vista de todos em uma escada que dá para uma sala de concertos. Orgulhosa e feliz, pensa "Todo mundo vai ver agora que o <i>Führer</i> não se importa em aparecer comigo em público, apesar de minha avó Recha".</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Concerto</li> <li>• Hitler</li> <li>• Avó judia</li> <li>• Orgulho</li> <li>• Felicidade</li> </ul>	140
<p>Uma mulher de cerca de 45 anos, mestiça, sonha que está em um navio com Hitler. Ela lhe diz que não pode estar ali por ter um pouco de sangue judeu, ao passo que Hitler a olha com olhar simático, com roscos redondos, agradável e bondoso. Ela ainda sussurra que ele poderia ter se tornado um grande homem, como Mussolini, se parasse de perseguir judeus. De repente, ela está em outra sala do navio, cheia de homens da SS com</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Navio</li> <li>• Hitler</li> <li>• Mussolini</li> <li>• SS</li> <li>• Orgulho</li> <li>• Desejo de pertencer ao regime</li> <li>• Judeus</li> </ul>	140

uniforme negro. Eles fazem sinal uns aos outros e apontam para ela dizendo "vejam, esta é a dama que criticou o chefe".		
Um médico judeu sonha que curou Hitler. Ao ser questionado pelo próprio Hitler o que queria em troca da cura, ele diz que não quer dinheiro. Um homem louro e alto, do grupo de Hitler, retruca e diz "como assim, não quer dinheiro, seu judeu avarento?". Hitler intervém, e diz: "É natural que não queira dinheiro. Nossos judeus alemães não são assim".	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Hitler</li> <li>• Judeu</li> <li>• Avareza</li> <li>• Desejo de pertencer ao regime</li> </ul>	142

### 3.2 Sonhos confinados

Dezenas de sonhos foram catalogados, analisados e, alguns deles, investigados em escutas psicanalíticas para se entender o que se dá para além do conteúdo manifesto. Dos sonhos registrados, sete deles são apresentados na íntegra e trazem o presidente Jair Bolsonaro presente de alguma forma – em alguns, lateralmente; em outros, como protagonista. Abaixo utilizaremos a mesma metodologia do subcapítulo anterior, apresentando o resumo do sonho, os principais elementos identificados no conteúdo manifesto e a página onde ele se localiza.

Resumo do sonho	Principais significantes	Página
Uma mulher sonha que está na casa de sua avó, no interior de São Paulo, com sua mãe doente, quando ouve um caminhão de som com a voz de Bolsonaro ecoando, dizendo que um bispo da Igreja Católica deveria morrer pelo fato de tê-lo criticado. Ela se sente atônita com a possibilidade do assassinato e extremamente preocupada com a saúde da mãe.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Bolsonaro</li> <li>• Bispo</li> <li>• Igreja Católica</li> <li>• Comunicação</li> <li>• Família (mãe, avó)</li> <li>• Medo</li> <li>• Preocupação</li> </ul>	116
Uma mulher de 26 anos que perdeu a mãe recentemente sonha estar em um bar com as amigas, quando pede para sua irmã acompanhá-la em uma rua para encontrar outras pessoas. No caminho, encontram uma coruja do tamanho de uma pessoa, cujo corpo era metade humano (a parte da frente) e metade animal (a parte de trás). A coruja fazia o som de ave, mas era totalmente	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Família (mãe, irmã)</li> <li>• Coruja</li> <li>• Força da natureza (redemoinhos)</li> <li>• Ministros</li> <li>• Exames</li> </ul>	145

<p>compreensível por ser a sua língua. De repente, uma série de redemoinhos avançam devastando a cidade, deixando muitas pessoas mortas. A mulher e sua irmã sobrevivem e são levadas pelos ministros do governo, a mando do presidente Bolsonaro. Os sobreviventes eram submetidos a exames de sangue para atestar sua saúde.</p>		
<p>Um homem sonha que está na casa de sua avó junto com pessoas do grupo de teatro da sua adolescência. A casa é rodeada por um corredor circular, que estava cheio de obstáculos, mas que eles deveriam atravessar. O grupo, então, deveria encenar uma facada. Ele fica com a sensação de reconhecer a cena, embora se questione quem deveria levar a facada, imaginando que, se fosse ele, deveria ter decorado as falas. De repente, um colega de cena lhe desfere uma facada e ele se dá conta que ele é o personagem principal. Acorda assustado e relaciona imediatamente a cena teatral à facada de Bolsonaro.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Família (avó)</li> <li>• Casa, corredor</li> <li>• Grupo de teatro</li> <li>• Obstáculos</li> <li>• Facada</li> <li>• Encenação</li> </ul>	201
<p>Uma mulher sonha que segurava no colo uma criança desnutrida, doente, com cabelos raspados e manchas no couro cabeludo em função de deficiência de vitamina A. A criança era sua sobrinha, embora não se parecessem. Na sequência, ela está em uma reunião com Bolsonaro, que discursa enquanto ela tem vontade de interrompê-lo e só não o faz por uma ordem da mãe. Ela tem medo de ser morta. A reunião acontecia no sítio onde ela passou a infância. Enquanto todos caminhavam em direção à sua cidade (avistando prédios), um espelho oculto aparecia no caminho, mostrando a imagem refletida das pessoas "de forma dual".</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Família (sobrinha, mãe)</li> <li>• Bolsonaro</li> <li>• Medo de morrer</li> <li>• Censura</li> <li>• Sítio / cidade</li> <li>• Espelho</li> <li>• Dualidade</li> </ul>	203
<p>Uma mulher sonha que o presidente Bolsonaro chupava seus seios e, logo na sequência, fazia o mesmo com outra mulher. Ela não tinha prazer e se sentia paralisada, sem autonomia para se opor como se tivesse que passar pela situação.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Erotismo</li> <li>• Seios</li> <li>• Bolsonaro</li> <li>• Paralisia</li> <li>• Asco</li> </ul>	205
<p>Um homem sonha com um cavalo assustador com a cara do ex-presidente Lula cavalgando em direção a ele e sua família. O presidente Bolsonaro tenta ajudar, mas</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Família</li> <li>• Cavalo</li> <li>• Metamorfose</li> </ul>	213

leva uma rasteira de um professor universitário que ele conheceu na graduação. O animal continua correndo em direção do grupo, mas eles se escondem por um matagal terrível.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Lula</li> <li>• Bolsonaro</li> <li>• Professor</li> </ul>	
A sonhadora relata um sonho em que ela precisava trocar vestidos ganhados da mãe. A loja ficava no palácio do governo de Florianópolis. Para acessar o lugar, ela precisava escalar esculturas podres que quebravam a cada tentativa. No alto de uma delas, um ditador militar (Bolsonaro) esbravejava um discurso estridente em favor da ditadura. Ela sentia raiva do homem, mas não tinha coragem de contrapô-lo por medo de sofrer represálias. Ao terminar de escalar as esculturas, ela se perguntava como foi possível deixar o homem chegar ao poder.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Família (mãe)</li> <li>• Presentes</li> <li>• Palácio do governo</li> <li>• Bolsonaro</li> <li>• Censura</li> <li>• Medo</li> <li>• Raiva</li> </ul>	215

### **Considerações finais**

Uma das principais inclinações desse projeto era traçar um paralelo entre os sonhos dos brasileiros que estão vivendo uma crise sanitária com conclusões ainda imprevisíveis e os sonhos dos alemães, que viveram a ascensão do regime nazista, àquela época, também com desfechos difíceis de se prever. O ângulo de análise escolhido foi o das figuras políticas presentes nas experiências oníricas de alemães e brasileiros relatados espontaneamente pelos sonhadores. E, ao comparar os treze relatos de sonhos completos registrados em *Sonhos no Terceiro Reich* (2017) e os sete sonhos, igualmente completos, registrados no *Sonhos confinados* (2021), é possível identificar semelhanças.

Os líderes dos dois países ocasionalmente aparecem nos relatos ora como protagonistas, ora como coadjuvantes. Não existe uma centralidade dessas figuras absolutamente preponderante, que invada os sonhos de maneira avassaladora, deixando pouco espaço para outros significantes. Pelo contrário: em alguns sonhos, eles aparecem apenas referenciados, como em fotos impressas sobre a mesa de um café na Alemanha, ou como uma voz que ecoa pelos cantos de uma cidade brasileira qualquer.

Outro fato que surge repetidamente em ambas as obras são as figuras familiares, certamente em função dos laços afetivos com os sonhadores, além do fato de as experiências

cotidianas invadirem os sonhos, o que Freud chamou de restos diurnos. Mães, filhos, irmãos, namorados... a proteção à família aparece como um dos principais achados da pesquisa. Além disso, é importante ressaltar como a censura por parte de familiares também é visível, seja no caso do pai que tenta dissuadir a filha a fazer um protesto contra Hitler, seja pela mãe brasileira que convence a filha a não bradar contra Bolsonaro, em ambos os casos, como medidas de proteção preventivas.

A virilidade e os códigos relacionados à masculinidade ideal também estão presentes nos sonhos que envolvem Hitler e Bolsonaro e são materializados através dos elementos típicos do militarismo: botas lustradas, uniformes alinhados e demais estereótipos que orbitam em torno de altos representantes das forças armadas tiraram o sono de brasileiros e alemães mesmo com quase oitenta anos e um oceano de distância entre os dois momentos.

Ainda, não podemos deixar de mencionar os sentimentos amplamente mencionados nos sonhos com grande destaque para o medo. Essa parece ser a grande tônica das narrativas oníricas e ponto de partida ou de chegada de decisões tomadas pelos personagens em suas jornadas inconscientes. O medo da morte – ou mesmo de represálias menores – parecem ser os grandes motores inclusive dos desejos dos sonhadores, como o de capturar Hitler e jogá-lo no meio do parlamento inglês, ou afeiçoando-se à figura do bondoso Bolsonaro, que tenta salvar uma família de um cavalo com a cara do ex-presidente Lula.

Por fim, essa jornada onírica pelo inconsciente dos dois povos tão diferentes do ponto de vista cultural, mas tão próximos no que tange às incertezas sobre o que vem pela frente, certamente ajuda a ilustrar como sonhos podem ser muito mais do que sinapses presentes no cérebro, mas sim verdadeiros faróis que ajudam a iluminar a vida na vigília, abrindo espaço para também sonharmos de olhos abertos.

## Referências

**A Cidade dos Sonhos.** Direção: David Lynch. Produção de StudioCanal. Estados Unidos: Les Films Alain Sarde, 2001.

**A hora do pesadelo.** Direção: Wes Craven. Produção de New Line Cinema. Estados Unidos: New Line Cinema, 1984.

CRARY, Jonathan. **24/7: capitalismo tardio e os fins do sono.** São Paulo: Cosac Naify, 2016.

DICK, Philip K. **Sonhos elétricos.** São Paulo: Aleph, 2018.

DUNKER, Christian et al. **Sonhos confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia.** Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

DROGUETT, Juan. **Sonhar de olhos abertos.** Cinema e psicanálise. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.

FREUD, Sigmund. **Obras Completas**, vol. 4. A interpretação dos sonhos [1900]. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

GOOGLE TRENDS. "Ataque do pânico" e "crise de ansiedade". In: **Google Trends**, 6/7/2021. Disponível em: <<https://bityli.com/V6Hkx>>. Acesso em: 6 jul. 2021.

HAN, Kang. **A vegetariana.** São Paulo: Todavia, 2018.

JOVEM PAN NEWS. **Lutamos contra a pandemia, o desemprego e as narrativas.** YouTube, 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rVxeRESGy5k>>. Acesso em: 22, maio 2022.

NÖTH, Winfried; SANTAELLA, Lúcia. **Introdução à Semiótica.** São Paulo: Paulus, 2019.

**O Apanhador de Sonhos.** Direção: Lawrence Kasdan. Produção de Castle Rock Entertainment; Village Roadshow Pictures; NPV Entertainment; Kasdan Pictures; WV Films II. Estados Unidos: Warner Bros, 2003.

**O Mágico de Oz.** Direção: Victor Fleming. Produção de Loews. Estados Unidos: MGM, 1939.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1995

PINHO, Angela. **Cai reprovação à gestão de Bolsonaro contra Covid, diz Datafolha**.

Folha de S.Paulo, 2022. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2022/04/cai-reprovacao-a-gestao-de-bolsonaro-contracovid-diz-datafolha.shtml>>. Acesso em: 18, maio 2022.

RIBEIRO, Sidarta. **Oráculo da noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

\_\_\_\_\_. **Sonho Manifesto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

SAFATLE, Vladimir. **Bem vindo ao Estado suicidário**. n-1, 2021. Disponível em:

<<https://www.n-1edicoes.org/textos/23>>. Acesso em: 25, maio 2022.

SANTAELLA, Lucia. **A teoria geral dos signos**. São Paulo: Pioneira, 2000.

SONHOS Elétricos. Direção: Lynn Horsford; Rupert Ryle-Hodges; Dan Winch. Produção de Ronald D. Moore. Reino Unido: Sony Pictures Television, 2017.